

**A IMPORTÂNCIA DO PSICOPEDAGOGO NO ENFRENTAMENTO DOS
TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM
THE IMPORTANCE OF THE EDUCATIONAL PSYCHOLOGIST IN ADDRESSING
LEARNING DISORDERS**

Denise Ramos de Lima¹

RESUMO

Acompanhar o desenvolvimento cognitivo e educacional da criança é antes de tudo uma tarefa que evoca a coletividade, ou como costumamos nomear a interdisciplinaridade – ou seja, o trabalho multiprofissional. Muitos dos problemas educacionais são agravados não apenas pelo déficit da aprendizagem ou mesmo pelos muitos problemas que assolam a educação brasileira. A situação se torna mais crítica pela falta de acompanhamento multidisciplinar antes, durante e depois o processo educacional. Dentre os integrantes da equipe escolar, tão necessária para o dia a dia da escola, destaca-se o papel do psicopedagogo como o profissional capacitado a dirimir os mais variados transtornos da aprendizagem. Afim de possibilitar um estudo teórico foram escolhidas diferentes bases de fundamentação como artigos, monografias, trabalhos de pós-graduação e outras fontes pertinentes ao tema proposto. Ao término do levantamento bibliográfico foi possível constatar que quando se fala em atendimento psicopedagógico em sala de aula, este praticamente inexistente, e até onde nos relata a literatura, esse quando existe ocorre de forma insuficiente para atender as crescentes demandas pela comunidade acadêmica.

Palavras-chave: Importância. Psicopedagogo. Acompanhamento. Sala de Aula.

ABSTRACT

Accompanying the cognitive and educational development of children is, above all, a task that evokes collectivity, or as we commonly call it, interdisciplinarity, meaning multidisciplinary work. Many educational problems are exacerbated not only by learning deficits but also by the numerous issues plaguing Brazilian education. The situation worsens due to the lack of multidisciplinary monitoring before, during, and after the educational process. Within this team, essential for the daily life of the school, the role of the educational psychologist stands out as the professional trained to address a wide range of learning disorders. In order to enable a theoretical study, different theoretical foundations were chosen, such as articles, monographs, postgraduate works, and other sources relevant to the proposed theme. Upon completing the bibliographic review, it was found that when it comes to psychopedagogical attention in the classroom, it practically does not exist, and according to the literature, when it does exist, it is insufficient to meet the growing demands of the academic community.

¹ Graduada em Pedagogia com habilitação em séries iniciais pela Universidade Estadual da Bahia (UNEB) - 2002; Pós-Graduação (Lato-Sensu) em Língua Portuguesa pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO - 2003. Professora efetiva da Rede Pública Municipal de Paulo Afonso. E-mail: limadenyse38@gmail.com

Keywords: Importance. Educational psychologist. Accompaniment. Classroom.

1 INTRODUÇÃO

Disgrafia, Dislexia, Dislalia, Hiperatividade e inúmeras outras peculiaridades são presentes no dia a dia das nossas escolas. Apesar de serem consideradas por algumas pessoas como transtornos contemporâneos da aprendizagem, estes sempre se fizeram presentes nas salas de aulas; muitas vezes, subjugados como falta de atenção, problemas de criação, indisciplina e outros pré-conceitos que muitas vezes atravessam as avaliações dos próprios docentes dentro do ambiente escolar.

O fato é que muito tempo pouco se falou sobre os transtornos de aprendizagem. Quase se resumia em taxar os alunos como indisciplinados e frutos de famílias desestruturadas. É importante salientar que um transtorno não implica em negar a existência de outros agravamentos oriundos de uma criação desregrada, desatenta e desprovida de valores éticos e morais. É justamente neste pensamento que se ampara a necessidade de inserir a figura do psicopedagogo nas escolas de forma que este possa, somados a outros profissionais, identificar, orientar e quando pertinente intervir de forma sistematizada e em consonância com os demais profissionais da escola.

A falta do psicopedagogo no ambiente escolar decorre de uma série de fatores como falta de vontade política ou mesmo de implementação nas esferas mais amplas da educação da concepção deste profissional no ambiente escolar. Lamentavelmente, a educação ainda é vista como um gasto e não como um investimento. Freire, em suas muitas aulas costumava dizer que enquanto a educação for vista como despesa, pouca mudança significativa seria possível de observar (FREIRE, 1977). Esse lamentável contexto é perceptível quando comparamos a profissão docente com outras também de nível superior – o que se nota é um subjugamento da profissão docente frente a outras que essencialmente passam pelas mãos dos professores.

Quando há uma necessidade do psicopedagogo este é mais facilmente encontrado fora do ambiente escolar. Normalmente em clínicas de atendimentos e acompanhamento educacional. Ou seja, se pai, a mãe e/ou o responsável necessitar que seu filho seja atendido acompanhado pelo psicopedagogo este deve recorrer a escola que por sua vez recorre ao seu órgão de gestão superior que buscará uma viabilidade temporal para que aquela criança possa ser acompanhada; do contrário, a família pode buscar de forma mais encurtada um profissional em uma das muitas clínicas de atendimento particular em todo Brasil.

Independente da origem do profissional [se através do público ou privado] não se discute a sua importância para o fomento de um desenvolvimento saudável e mais produtivo por parte das nossas crianças que muitas vezes são prejudicadas por falta de diagnóstico ou mesmo por falta de atendimento preciso e rápido.

2 MÉTODO

Compete a Metodologia do Trabalho Científico estabelecer as diretrizes básicas a serem implementadas nas diversas produções que terão livre circulação nos meios científicos e acadêmicos, tornando assim as pesquisas uniformes e construindo uma identidade acadêmica nacional. Todo trabalho que trate da natureza científica, seja se forma teoria ou mesmo com pesquisa de campo, deve haver uma consonância entre as normas e métodos em torno da produção científica. (CRESWELL, 2010, p. 22)

O levantamento bibliográfico, tipologia desta pesquisa – estudo bibliográfico - tem como meta possibilitar a concatenação de diferentes pensadores e exaltar as suas pesquisas, tornando-as coerentemente fundamentadas. Essas problemáticas, para que tenham respaldo científico, devem ser investigadas de forma séria e imparcial respeitando os limites do bom senso, da ética e moral; sem em nenhum momento ferir a dignidade humana. O objetivo principal é possibilitar a fundamentação teórica para com as ideias e concepções acerca os transtornos de aprendizagem, bem como da importância do psicopedagogo. (LAKATOS & MARCONI 2001, p. 79)

Assim sendo, o presente artigo se caracteriza como sendo de natureza bibliográfica uma vez que em sua essência são apresentadas diferentes pesquisas nos diferentes domínios públicos FACHIN (2006, p. 120) corrobora: “Entende-se que a pesquisa bibliográfica, em termos genéricos, é um conjunto de conhecimentos reunidos em obras de toda natureza. Tem como finalidade conduzir o leitor a pesquisa de determinado assunto, proporcionando o saber”.

3 O UNIVERSO ESCOLAR E SUAS PECULIARIDADES DA APRENDIZAGEM

Um dos problemas mais atuais no contexto educacional é o referido as dificuldades de aprendizagem. Crianças com dificuldades de aprendizagem constituem uma proporção significativa da população escolar, o ensino primário, básico ou mesmo geral. Estas dificuldades criam problemas e limitações, sentimentos de desvantagens que causam sofrimento às crianças e suas famílias e com conseqüentes frustrações que vai ocupar uma grande parte da vida. O desenvolvimento da criança é um processo dinâmico, extremamente

complexo, que se baseia na evolução do biológico, psicológico e social e sobretudo, educacional.

Os primeiros anos de vida constituem uma fase da existência, especialmente crítico uma vez que irá configurar as habilidades perceptivas, motoras, cognitivas, linguística e social que tornaria possível uma interação equilibrada com o mundo circundante. A conformação das habilidades descritas não é sempre satisfatória, levando a dificuldades que não são corrigidas no tempo impedem o desenvolvimento normal nos primeiros anos.

Segundo Marcuschi (2000) a linguagem escrita faz parte do cotidiano das pessoas e esta pode ser prejudicada por um ou outro transtorno. É importante salientar que se vive cercado de textos e de informações e muitas vezes essas informações não são absorvidas pelas crianças/adolescentes por estes serem detentores de alguma limitação ou mesmo transtorno. Daí a importância de o professor ter conhecimento, mesmo que incipiente, sobre os mais recorrentes em sala de aula.

O ideal seria que o professor tivesse em sua formação uma extensão voltada para às dificuldades de aprendizagem ou mesmo os transtornos e espectros. Como isso dificilmente ocorre – o que se traduz em um fato lamentável – seria preciso que as escolas, sobretudo as de Educação Infantil e Ensino Fundamental tivessem algum profissional para dar este suporte aos demais colegas em todas as suas unidades de ensino.

4 OS TRANSTORNOS DE APRENDIZAGENS COMUNS NA VIDA ESCOLAR

São muitos os distúrbios e transtornos presentes nas salas de aula tanto na rede pública quanto na privada e neste intento não há uma unanimidade entre os próprios docentes no sentido de saber, de fato, o que fazer diante de situações que muitas vezes fogem do controle de todos que estão envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Oliveira (2020, p. 08) corrobora:

Discutir transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem no panorama da educação brasileira não é um dos temas mais simples devido às muitas concepções sobre o tema, as quais se misturam com muitos mitos, contribuindo para a práticas de uma segregação velada daqueles alunos que apresentam ritmos muito diferentes do esperado durante a escolarização.

Como bem colocou a Dra. Patrícia de Oliveira (UNICAMP) o tema dos distúrbios e transtorno é essencialmente complexo pois envolve muitas vezes uma confusão entre ciência e crenças. Isso só ocorre porque não há um conhecimento profundo por boa parte dos

profissionais da educação em saber, precisar², quando estes estão diante de um caso genuíno ou mesmo de um aluno indisciplinado. Sendo assim, faz-se importante compreender como cada distúrbio/transtorno ocorre.

4.1 Disfasia

É importante salientar que *os disfásias* são graves e essencialmente preocupantes, diferente da *disfalia* caracterizada por um atraso simples na linguagem na qual são comuns trocas espontâneas, a *disfalia* é rapidamente contornada com a ajuda do profissional fonoaudiólogo. Quando se trata de disfasia normal, o que ocorre é que a mente processa seus pensamentos mais rápido do que fala, daí atropelando as palavras. Quando a criança, o adulto, adolescente está emocionado ou cansado, a fala fica mais prejudicada, a mesma coisa acontece quando a pessoa se sente pressionada ou percebe que está com dificuldade, isso acaba prejudicando mais ainda, isso sem contar o fato que esta mesma criança pode ser acometida por um ou mais transtornos de aprendizagem.

Assim sendo, faz necessário indagar: quando é o momento de procurar ajuda médica? Isso depende de cada caso, mas por exemplo, o fonoaudiólogo faz o diagnóstico quando o problema é de fala e indica para outros profissionais para ajudá-lo na intervenção. O neurologista pode solicitar exames para comprovar qualquer lesão e/ou para a comprovação. O psicopedagogo trabalha com a intervenção da aprendizagem. Em síntese, é preciso buscar ajuda especializada quando: (01) a criança tem mais de 6 anos de idade e apresenta dificuldade em pronunciar a maioria das palavras (02) a criança tem hesitações e pausas na fala, medo de falar (03) a criança apresenta tiques nervosos? (04) a criança fica preocupado a respeito da forma como ele fala (05) a família da criança tem antecedentes de gagueira na idade adulta (06) existe retardo na fala (Tem 2 anos e meio ou mais e não fala nenhuma frase) e (07) a linguagem não é compreensível. (Criança com mais de 4 anos). Todos esses profissionais podem ser acionados uma vez tendo a criança recebido suporte do próprio psicopedagogo ainda nas dependências da escola. (MANTOAN, 2006, p.17).

² O docente precisa notar a criança no seu conjunto escolar como um todo. A atitude como conversa com os colegas, como parodia, como comunica as atividades indicadas, das aulas de educação física, por exemplo, nos entretenimentos, como manuseia os múltiplos elementos, como observa o mundo em seu redor, como compreende os diferentes teores. Uma dificuldade que percebemos com muita frequência pelos docentes com relação às crianças com dificuldades de aprendizagem é que as mesmas tendem a ver e analisar as crianças como se as partes do corpo fossem separadas. Outra questão muito utilizada pelos professores é atribuir às crianças uma deficiência cognitiva através de respostas ou comportamentos inadequados apresentados pelos mesmos. (NETO, 2001, p. 81).

4.2 Dislexia

É uma perturbação específica da aprendizagem, de origem neurológica, em que a criança, apesar de ter acesso à escolarização, apresenta dificuldade no reconhecimento preciso e/ ou fluente de palavras escritas, por dificuldades ortográficas e por dificuldade de decodificação. É importante salientar que cada caso de dislexia se apresenta de forma diferente.

A dislexia é mais fácil de ser diagnosticada quando a criança está na fase da alfabetização. Por ser a leitura e a escrita ferramentas acadêmicas imprescindíveis, o problema se reflete em todas as matérias escolares. Neste momento a figura do psicopedagogo possui grande importância. Segundo Moojen *apud* Rubinstein (1999):

A criança disléxica não deve ser alfabetizada pelo método global, uma vez que não consegue perceber o todo. Precisa de um trabalho fonético e repetitivo, pois terá muita dificuldade na fixação dos fonemas. Necessita de um plano de leitura que inicie por livros muito simples, mas motivadores, aumentando gradativamente e só à medida que lhe for possível, a complexidade. (MOOJEN *APUD* RUBINSTEIN, 1999, p. 37).

Dislexia ou transtorno de leitura está diretamente ligado à dificuldade de compreender a escrita, bem como implica em problemas relacionados com a leitura. É importante sinalizar que dislexia não possui relação com a idade mental da criança ou mesmo com sua acuidade visual. A dislexia é um dos mais comuns distúrbios da aprendizagem, e se traduz, grosso modo, em uma dificuldade de decodificação das palavras.

A o psicopedagogo deve se atentar para: (01) O disléxico substitui, inverte e omite letras e sílabas no texto lido. Lê e escreve com lentidão, e sua compreensão é fraca durante o processo acadêmico; (02) Em muitos casos revela dificuldade com a matemática, sobretudo na assimilação de símbolos, desenhos geométricos e tabuada; (03) Pode apresentar problemas de lateralidade: confunde o lado esquerdo com o direito; (04) A criança na fase pré-escolar apresenta dificuldade em aprender rimas e canções; (05) Costuma adoecer demonstrando pouca motivação pelas tarefas escolares; (06) Não existe nenhuma relação entre a dislexia e o nível intelectual; e (07) A dislexia quando detectada nos primeiros anos da alfabetização; e, se for devidamente tratada, há melhora considerável. (MANTOAN, 2006, p.19).

4.3 Disgrafia

Semelhante a dislexia, a disgrafia, como o nome propriamente sugere possui implicações e reflexos na escrita, ou seja, na ortografia. Não possui ligação com lesões cerebrais, alterações sensoriais ou mesmo *déficit* de escrita. Trata-se de uma dificuldade parcial

de assimilação plena da língua. Quando há implicações de ordem motora, há-se a presença de uma disgrafia motora (com reflexo motor) mas não há uma implicação no sistema de símbolos.

De acordo com Garcia (1998, p. 29):

A disgrafia motora ou discaligrafia é conhecida pela dificuldade de escrever de maneira legível. Na discaligrafia é comum: micrografia; macrografia; ambas combinadas em uma mesma escrita; deformações e distorções; traçados reforçados; filiformes; tremidos; inclinação inadequada; aglomeração; dificuldades nos enlases. As dificuldades da criança ocorrem na execução de padrões motores para escrever letras, números ou palavras, mas ela consegue falar e ler. Os graus de comportamento das crianças com disgrafia são variáveis, pois pode ocorrer defeito motor ou apenas no nível de integração (a criança vê a figura mas não sabe fazer os movimentos para escrever as letras). Na maior parte dos casos as crianças são hipotéticas, desequilibradas, disártricas (fala lenta). (GARCIA, 1998, p. 29).

O tratamento requer uma estimulação linguística global e um atendimento individualizado complementar a escola. Os pais e professores devem evitar repreender a criança, mas deve possibilitar um desenvolvimento mais assistido e saudável.

4.3 Discalculia

A discalculia deve ser entendida como uma desordem neurológica; neste caso há implicações neurais que impossibilitam certas funções cerebrais e cognitivas. A discalculia está intimamente ligada a dificuldade de manipular números, em alguns casos possui ligação de déficit de atenção ou percepção visual. Os alunos que detém tal transtorno possuem bastante dificuldade com cálculos, raciocínio lógico e aritmética, pode também está relacionada com a dislexia. Há estudos que sugerem que a discalculia possui fatores hereditários. Moojen, (1999):

A criança de primeira série não tem condições de operar sem o concreto e precisa estruturar demoradamente a construção do número e o raciocínio de situações problema. Se isto não lhe é permitido e lhe são exigidos logo números grandes e situações problema abstratas, ela não é capaz de compreensão e usa a estratégia da mecanização que lhe impede a aprendizagem verdadeira. (MOOJEN APUD RUBINSTEIN, 1999, p. 37).

Mesmo em crianças pequenas a discalculia pode se manifestar. Para isso é importante que os professores, em comunhão com os demais atores escolares, saibam identificar às primeiras manifestações para que subsidiados por um psicopedagogo possam traçar estratégias de dirimir os prejuízos causados em sala de aula.

4.4 Déficit de Atenção com ou sem Hiperatividade

Kramer (2001) diz que o *déficit* de atenção pode estar associado ou não a hiperatividade. Ocorre com mais frequência em meninos com início antes dos sete anos de idade. Na pré-escola e início do 1º ano há dificuldades de atenção para os conteúdos ensinados. Estas dificuldades devem ocorrer na escola, no lar, no clube ou em qualquer outro ambiente. Eles não param na carteira, perdem a atenção frente a qualquer estímulo externo, são impulsivos, perdem o material, não se organizam nas tarefas, etc. Em síntese, pode-se dizer que a criança apresenta dificuldade na aprendizagem escolar, muitas das vezes associada a outros distúrbios e disfunções. As consequências são diversas o que justifica muitos os comportamentos relatados neste parágrafo. Quando hiperatividade é confirmado pelo especialista, deve-se avaliar a intervenção medicamentosa feita por um médico. Segundo Romero, (1995):

O tratamento medicamentoso deve ser acompanhado de mudanças de conduta da família, escola e de outros familiares ou pessoas do ambiente da criança. Apoio psicopedagógico e outras terapias (Psicoterapias, Fonoaudiologia) devem ser indicados quando necessário. (ROMERO, 1995, p. 36).

Não se pode considerar que toda criança com hiperatividade deve ser imediatamente medicada, tão pouco iniciada em qualquer medicamento sem acompanhamento pela autoridade competente. Na seara da psicopedagogia, deve o profissional orientar aos pais, a comunidade escolar quais habilidades e estratégias didáticas e metodológicas devem ser favorecidas para cada aluno hiperativo. Normalmente, após estabilizada a hiperatividade apresenta uma melhora significativa o que reflete diretamente no processo de ensino e aprendizagem. Podem ser utilizados testes padronizados para ajudar a entender o universo dos transtornos de aprendizagens. Transtornos da aprendizagem que são diagnosticados quando os resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administrados de leitura, matemática ou expressão escrita (ROMERO, 1995, p. 42).

5 O PSICOPEDAGOGO E SUA IMPORTÂNCIA PARA A MELHORIA DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Um dos primeiros entendimentos em relação a concepção do que de fato abrange a psicopedagogia.

A Psicopedagogia constitui-se em uma justaposição de dois saberes - psicologia e pedagogia - que vai muito além da simples junção dessas duas palavras. Isto significa que é muito mais complexa do que a simples aglomeração de duas palavras, visto que visa a identificar a complexidade inerente ao que produz o saber e o não saber. É uma ciência que estuda o processo de aprendizagem humana, sendo o seu objeto de estudo o ser em processo de construção do saber. (ALVES, 2015, p. 35307).

Como bem colocaram os autores supracitados, ao se falar em psicopedagogia, deve-se considerar a soma de duas importantes áreas: psicologia e pedagogia. Sendo assim, o psicopedagogo está apto a compreender a formação cognitiva do conhecimento, ou seja, como o conhecimento se volta para a aprendizagem. Também é de sua competência o entendimento e os saberes necessários ao enfrentamento dos transtornos de aprendizagem. Bossa corrobora:

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem. (BOSSA, 1994, p 23).

O papel do psicopedagogo é fundamental para o sucesso da educação em todas as suas dimensões. Ele deve (ou pelo menos deveria) participar de todas as etapas do processo educativo, sendo o elo entre o conhecimento e o alunado. Este é o profissional capaz de perceber os distúrbios, perturbações, espectros e outros entraves que impossibilitam (ou ao menos comprometem) a compreensão do estudante.

O Psicopedagogo pode melhorar o desenvolvimento da aprendizagem, auxiliando o professor sobre a melhor forma de trabalhar orientando-os em como agir em determinadas situações e eventuais dificuldades que ocorrem em sala de aula com os alunos que possuem dificuldade de aprendizagem e também diagnosticar algum problema no aluno. Quando atuam diretamente na escola suas ações podem ser sua contribuição trará para esses docentes o auxílio necessário e adequado à sua prática pedagógica, além de trazer variadas estratégias de ensino, de ajudar os familiares e os que fazem a parte da escola. (ALVES, 2015, p. 35309).

No ambiente escolar, o psicopedagogo possui notável importância uma vez que pode auxiliar o professor no processo de superação dos principais entraves educacionais, orientando a todos os envolvidos as melhores formas de trabalhar com os problemas encontrados na sala de aula, mesmo àqueles que não dizem respeito a ordem psicológica dos alunos. Com a figura do psicopedagogo nenhum aluno fica para trás na aprendizagem. Assim sendo, todos os profissionais envolvidos podem desempenhar as suas funções com mais propriedade. (MITTLER, 2005, p. 121).

Infelizmente o que se observa em muitas escolas é, muitas vezes, uma descrença na figura do psicopedagogo, sendo este não valorizado em suas potencialidades ou mesmo desvalorizado pela própria gestão escolar que tem este profissional em seu quadro e não

consegue extrair dele o seu melhor, não apenas para este mas para toda a comunidade escolar. A psicopedagogia não deve passar despercebida na formação do professor: todo profissional que seja docente e dedicou parte de sua formação a estudar os meandros da mente humana e suas influências sobre a aprendizagem deve ser valorizado e destacado dentro e fora do ambiente escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel do psicopedagogo se constitui como um dos mais importantes para o pleno e eficiente funcionamento do ambiente escolar. Isso se deve ao fato de que a escola não consegue efetivar o seu papel social em virtude da pluralidade de problemas que permeiam as salas de aulas. A situação se configura como preocupante uma vez que muitos dos transtornos de aprendizagem são tratados como sendo resultado de uma má criação por parte da família, quando, em muitos casos o que se tem são crianças com problemas, transtornos ou distúrbios de aprendizagem.

Lamentavelmente há um hiato muito grande no nosso sistema de ensino, isso porque muito do suporte que o corpo docente e discente necessitaria para o pleno exercício do processo de ensino não se firma por falta de suporte especializado. É justamente como uma estratégia eficiente que o psicopedagogo se insere na vida escolar – ou pelo menos deveria. O que se observou ao longo de todo referencial teórico deste artigo científico foi a inquestionabilidade da importância do psicopedagogo na escola (ou mesmo fora dela).

Os transtornos muitas vezes são observados a partir das crenças e impressões dos docentes o que se configura como algo muito grave. O fato de aluno ser/estar arreadio não implica necessariamente em dizer que este é detentor de alguma anomalia em sua formação psíquica, neural, emocional ou mesmo biológica. Assim sendo, faz-se importante que os gestores compreendam que o papel do psicopedagogo vai além de oferecer suporte aos alunos, mas de ressignificar o processo educativo, respeitando as suas peculiaridades e as suas limitações ao tempo que possibilita suporte para o aluno, para a família e para o próprio processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. R. S. A. **Um olhar psicopedagógico para as dificuldades de aprendizagem.** EDUCERE – XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR 26 a 29 de outubro de 2015.
- BOSSA, N. A. **A psicopedagogia no Brasil:** contribuições a partir da prática. Porto alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

CRESWELL, JOHN W. **projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**; tradução magda lopes. – 3 ed. – PORTO ALEGRE: ARTMED, 296 páginas, 2010.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5.ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

FREIRE, Paulo. **Papel da educação na humanização**. Revista Paz e Terra. Rio de Janeiro. 1977.

GARCÍA, Jesús- Nicasio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

KRAEMER, H. C. . **ADHD comorbidity findings from the MTA study: comparing comorbid subgroups**. Journal of American Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 40 (2), 147-158. 2001.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2000. 94p.

OLIVEIRA , Patrícia de. **Transtornos, distúrbios e dificuldades de aprendizagem: como atender na sala de aula comum**. UNICAMP, 2020.

MANTOAN, Maria Tereza Égler. **A integração de pessoas com deficiência: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo: Memnon, Editora SENAC, 2006.

MITTLER, Petter. **Educação inclusiva: contextos sociais**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RUBINSTEIN, E. **A especificidade do diagnóstico psicopedagógico**. In: SISTO, F. et al. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.